

UM OLHAR SOBRE TRAJETÓRIAS DE JOVENS QUE CHEGAM AO CURSO TÉCNICO

ANA MARIA FREITAS TEIXEIRAⁱ

(UFS/NPGED/NPGECIMA/EDUCON/anabrteixeira@hotmail.com)

Resumo:

Buscamos aqui discutir resultados parciais de pesquisa envolvendo estudantes e egressos de cursos técnicos de nível médio, oferecidos por uma das unidades da rede federal de educação tecnológica, vinculados ao padrão de terminalidade subsequente. O objetivo central do trabalho é analisar a narrativa de jovens inseridos em percursos formativos profissionalizantes focando: significado atribuído à educação, educação profissional, na constituição de projetos de futuro; processos de escolha, permanência e abandono de numa carreira e como fazem para “ter um emprego” no contexto do mercado de trabalho atual.

Palavras-chaves- Juventude, Trabalho, Educação profissional

Résumé:

L'article a comme objectif presenter des résultats de recherche auprès des étudiants liés à éducation professionnelle offert par une des écoles du système fédéral d'éducation technologique. L'objectif est analyser les discours des jeunes étudiants à propos des sens de la formation professionnelle, leurs projets de futur, le choix d'une carrière et les stratégies pour réussir à obtenir un emploi

Mots-clef: Jeunesse, travail, éducation professionnel

Introdução

Os estudos relacionados aos nexos entre Juventude e Trabalho ganharam especial relevância nos últimos anos colocando em evidência o debate em torno da educação para o trabalho. Esse debate ganha destaque diante do aprofundamento da crise do trabalho assalariado que marca o final do século XX e a transição para o século XXI. (CASTEL, 1997).

Assim, o mundo do trabalho em sua acelerada mutação impõe um vasto conjunto de desafios à sociedade atingindo diretamente aqueles que vivem do trabalho e particularmente a população jovemⁱⁱ. A nova base técnico-científica incorporada ao processo produtivo permite o crescimento das economias sem a geração de postos de trabalho. O desemprego estrutural ganha contornos de irreversibilidade (POCHMANN, 2001).

Nesse cenário contemporâneo os estudos investigativos na área da inserção social e profissional de jovens, sem perder de vista o caráter múltiplo e dinâmico da noção de juventude em sua interface com outras categorias de análise (classe social, gênero, etnia, urbano-rural, global-regional-local), refletem, com propriedade, as conjunturas históricas e sociais tal como é o caso dos anos 1980 e 1990, marcados pelo aprofundamento da crise econômica, pela precariedade e instabilidade do emprego, gerando impactos significativos e duradouros sobre esta população (DUBAR, 1999).

Constatam-se significativas alterações nos conteúdos do trabalho e nas exigências de perfis profissionais e novas qualificações enquanto cresce o número de trabalhadores qualificados desempregados. Por outro lado, a precarização do trabalho, a precarização do emprego e o crescimento da informalidade exigem uma adaptabilidade, flexibilidade e criatividade agrupadas sob a etiqueta da empregabilidade enquanto o desemprego emerge como um dos problemas sociais globais.

Por outro lado, nota-se que a educação formal e a formação técnico-profissional situam-se como elementos de três vetores centrais nos dias atuais, quais sejam: da lógica da competitividade/produzividade, a dinâmica dos processos de reestruturação produtiva e a busca por “empregabilidade”. O discurso de empresários e de alguns cientistas sociais enfatiza a importância da ampliação de investimentos voltados a esses vetores exigindo dos trabalhadores níveis mais elevados de escolarização e de qualificação, como ingredientes centrais ao novo trabalhador requerido pelo mercado de trabalho. Porém, a particularidade do discurso é que padrões mais elevados de educação e qualificação deixam de implicar em garantias de inserção, ascensão e estabilidade socioprofissional mesmo que, simultaneamente,

sejam considerados como requisitos básicos para melhores condições de competitividade e empregabilidade no mercado de trabalho. Simultânea e contraditoriamente, aprofundam-se as desigualdades de escolarização entre as classes sociais (VAN ZANTEN, 1999, apud, ZAGO, 2006).

Assim, produz-se uma mutação na sociabilidade capitalista e na esfera do conteúdo do educativo. A educação e a formação profissional deslocam-se da política pública para a assistência, filantropia ou como estratégia de atenuar a pobreza (LEHER, 1998). A responsabilidade transita do campo social para o campo individual: os indivíduos devem adquirir competências ou habilidades no campo cognitivo, técnico, de gestão e atitudes/comportamentos para tornarem-se competitivos e empregáveis. Aqueles sem emprego devem buscar requalificação e/ou reconversão profissional para se tornarem atrativos ao mercado de trabalho formal ou, ainda, criarem seu próprio emprego na informalidade ou na economia de sobrevivência.

Evidencia-se o caráter do processo de “individualização”, próprio da modernidade, na qual a identidade consiste no cumprimento de uma “tarefa”, bem como nas conseqüências adversas de sua realização (BECK, 1992, apud BAUMAN, 2001, p. 40). Beck (1992) vai mais além ao propor, no final dos anos de 1980, o risco como uma noção central para a compreensão da sociedade em que vivemos cunhando a expressão *Sociedade do Risco*, uma sociedade marcada pela contingência, pela incerteza e descontinuidade.

Nesse panorama, e no centro da discussão, coloca-se a questão do papel da educação e da formação técnico-profissional na produção da existência humana, na esfera da reestruturação produtiva e globalização excludente, visivelmente marcada pelas mutações nos paradigmas de organização e gestão do trabalho. A definição de uma nova base técnico-científica assentada, sobretudo nas tecnologias microeletrônicas, associada às novas tecnologias organizacionais favorece a emergência da lógica das competências como parâmetro balizador para a formação para o trabalho.

É nesse contexto que a demanda por mão-de-obra mais escolarizada e mais qualificada tem se colocado como uma das exigências da economia mundial, que desde a década de 1980 vem atravessando um processo de ajustes continuado acompanhando pela intensiva eliminação de postos de trabalho. Abramo e Branco (2005) apontam que nos países “em desenvolvimento”, tal como é o caso do Brasil, a possibilidade de um jovem tornar-se desempregado é cerca de 3,8 vezes maior do que a de um adulto a partir de 25 anos. Por outro lado, a situação evidencia a “tensão e descontinuidade” que caracterizam o percurso escolar

da maioria dos jovens das classes desfavorecidas repetidamente submetidos à situação do “eterno retorno” à escola, ou meramente a exclusão do sistema público de educação (SPÓSITO, 1994)

Educação e trabalho, binômio antes identificado como pré-requisito básico à ascensão e mobilidade social, evidencia-se como campo de fluidez. Assim, a educação profissional e outras demandas sociais (saúde, lazer, segurança, emprego, etc.) continuam a exigir políticas públicas que venham oferecer a possibilidade de enfrentar a forte precarização que incide sobre os jovens na cidade e no campo.

Nesse sentido, a noção de trajetórias, enquanto percursos descrito por sujeitos socializados que lhes permitam fazer face à imprevisibilidade que os cercam, tem se mostrado mais apropriada à análise de como os jovens se relacionam e experimentam o processo de escolarização, de modo geral, e de formação em nível técnico, com todas as implicações que daí decorrem. Os “modelos mecânicos” de interpretação de tal configuração juvenil, portanto, não acompanham a dinâmica e complexidade desse contexto. Em que pesem os diferentes paradigmas teóricos que as pesquisas têm adotado – os diagnósticos e prognósticos ora otimistas, ora pessimistas – é consensual essa complexidade das transições juvenis na contemporaneidade.

O panorama pode se mostrar um pouco mais complexo quando a escolha por certo curso técnico é interpretada e vivida, ao menos a princípio, como a escolha por uma carreira e como parte fundamental do processo de transição (longe de ser linear) para a vida adulta. Vale lembrar que os jovens, simultaneamente alvos e sujeitos, ocupam lugar central nessas transformações e vêm afetadas as formas individuais e sociais de “passagem” para a vida adulta, seja quanto à inserção econômica, a constituição de carreiras profissionais ou a constituição de família própria, etc. (PAIS, 1991).

É nesse quadro de questionamentos que nos amparamos para interpretar parte dos achados de nossa pesquisa. Uma investigação realizada junto a jovens que passaram por uma formação técnica de nível médio junto a uma das unidades da rede federal de educação profissional, adotando como suporte metodológico um recorte de natureza qualitativa centrada em entrevistas semi-estruturadas. Tais entrevistas foram realizadas entre 2007 e 2009 e, aqui, dado o limite de espaço, nos utilizaremos de apenas dois depoimentos, quais sejam: Olívia (23 anos) e de Paulo (25 anos)ⁱⁱⁱ que concluíram diferentes cursos técnicos de nível médio (respectivamente Técnico em Construção Civil com Habilitação em Construções Prediais e Técnico em Serviços Hoteleiros) junto a uma das unidades^{iv} da conceituada rede federal de educação tecnológica brasileira.

Diferentes trilhas que levam ao curso técnico

As pesquisas mais recentes (MARTINS, 2004; TREVISAN, 2004; LICHTENBERG, 1997; SACCO-ZAGAROLI, 1997, Casal, 1997) tem apontado novas características para trajetórias ocupacionais de jovens, quais sejam: flutuações e descontinuidade, combinando educação e trabalho, inserção e exclusão do mercado de trabalho. A transição entre a escola e o trabalho ou a “passagem para a vida adulta” torna-se cada vez mais conflitiva e difícil.

O relato de Olivia que concluiu um curso Técnico em Construção Civil em 2006 nos indica a complexidade dessa “passagem”:

Eu nunca parei para pensar nisso: agora o que eu vou ser depois que eu parar de estudar? Porque, por causa do dinheiro o que é que você vai fazer, nunca pensei nisso pra mim, fui fazer o que eu gostava, comecei fazer zootecnia, lá na Agrotécnica, mas não terminei justamente por causa do vôlei, primeiro era o divertimento. (Olívia)

Parece-nos que essa breve passagem nos coloca diante do que Pais (2005) assinala ao tratar da insuficiência em adotar a perspectiva de trajetórias lineares de vida para compreender os caminhos que têm sido percorridos pelos jovens. Ou seja, adotar a linearidade como ponto de partida implicaria em não se dar conta de que os jovens vivem numa espacialidade antropológica “que é fractal por natureza, dando guarida ao mítico, ao sonho, ao desejo, à ilusão, ao inesperado, ao indefinido, ao enigmático, ao especulativo, à indeterminação” (PAIS, 2005, p.14).

Curiosamente Olívia e Paulo cursaram o ensino médio na mesma escola pública. Contudo, apesar de Olívia atribuir suas dificuldades em obter boas notas no curso técnico ao fato de ser um curso “que puxa mais que o ensino médio para que você seja um bom profissional”, para Paulo a vivência no ensino médio parece ter deixado marcas de uma distinção negativa:

O professor não exige muito do aluno, que ele se esforce pra aprender, greves constantes também atrapalham, não dão o conteúdo completo, que deveria, isso fica algumas falhas que para concorrer com a escola particular não tem condições. Geralmente os alunos da escola pública não têm chance. (Paulo)

Essa sensação de “não ter chance” parece acompanhar Paulo numa lógica de auto-discriminação reforçada constantemente pelo olhar do outro que vincula, quase que automaticamente, o estudante da escola pública a uma trajetória escolar, social e profissional de fracassos que o estigmatiza como incapaz. Assim, Paulo, mesmo tendo concluído o ensino médio no ano 2000, acaba por ingressar no curso técnico somente em 2005, estimulado pela aprovação de um colega, também oriundo da escola pública, no processo de seleção.

Por outro lado, as transições trazem no cotidiano juvenil as marcas da improvisação, do *aleatório* ou do acaso (PAIS, 2005), fazendo com que o conceito tradicional de trabalho perca a correspondência com a realidade dos jovens. Multiplicam-se os trabalhos precários, a instabilidade e propagam-se as inserções provisórias. O mesmo ocorre com os conceitos de emprego e desemprego.

Eu comecei a trabalhar com dezoito anos, eu trabalhava num restaurante, trabalhava de três da tarde até sete da noite, depois comecei a trabalhar de três da tarde a três horas da manhã, e meus pais eles não queriam, eles sempre diziam assim, sai desse trabalho (...) é justamente por isso, eu não pensava em dinheiro só pensava em aprender coisas novas, no caso eu aprendi a lidar com pessoas, como eu era recepcionista então eu aprendi a lidar com muitas coisas, e fui eu que consegui o trabalho fui eu que decidi trabalhar (Olivia)

As palavras de Olivia nos assinalam que não é mais possível pensar em trajetórias de obtenção de qualificações e competências para o jovem - nesse contexto, como já dito, de fortes incertezas e de aprofundamento da precariedade do trabalho -sob um enfoque linear calcado na correspondência direta com determinadas faixas etárias. Tal enfoque afeta diretamente a lógica das trajetórias ocupacionais e acaba por refletir nas possibilidades de definição de estratégias de obtenção de formação, qualificação e competências para o trabalho. Some-se a isso as exigências que se multiplicam no mundo do trabalho quanto ao perfil do trabalhador: interpretar linguagens diversificadas, clareza na comunicação, trabalhar em grupo, enfrentar os desafios das mudanças, aprender constantemente, etc.

Sobre essas exigências Olívia se ressentiu quanto à formação recebida no curso técnico sinalizando as lacunas:

Pra um profissional prejudica uma que eles não ensinam como se portar em uma empresa, isso você vai aprender sozinho; arranjar emprego você é que arranja sozinho. Com relação a aprender, teoria, prática, você é quem aprende sozinho, se você quiser (Olivia).

E como os jovens fazem para arranjar trabalho? O que se tem observado é que o valor dos certificados escolares no mercado de trabalho e o “capital social” constituído pela rede de contatos dos sujeitos envolvidos são cruciais para o sucesso ou fracasso do jovem quando diante dessa tarefa difícil.

Para Olívia o “capital social” materializado numa rede de “contatos e amizades boas” possibilitou o primeiro emprego no restaurante, o emprego como web designer bem como o estágio na área do curso técnico, requisito indispensável para obter a certificação final.

É como sempre, através de outras pessoas, de amigos, tinha uma amiga que dançava, dança árabe e ela tava gostando muito ela tava fazendo parte de recepcionista, e aí ela perguntou se eu não tinha interesse de trabalhar nessa área, por intermédio de tudo isso eu cheguei até esse meu estágio, eu

nunca corri atrás de emprego nenhum, eu sempre sai de um passava dois dias eu estava em outro, então pelos contatos, pelas amizades que eu fiz. (Olivia).

Certamente não são todos os jovens que dispõem desse tipo de “herança” e mesmo Olívia que relata nunca ter corrido “*atrás de emprego nenhum*” fez escolhas que privilegiaram a obtenção de uma certificação profissional que viesse a funcionar como um “passaporte” para sua inserção no mercado de trabalho: “*Com certeza foi por isso mesmo que eu fiz, eu fiz justamente por isso... maiores chances de te dar um emprego*”, com essas palavras ela explica o caminho percorrido até chegar ao Curso de Técnico em Construções Prediais.

No caso de Paulo a rede familiar funcionou como o “cartão de visitas”: em 2003 (com 21 anos), já com o ensino médio concluído desde o ano de 2000, ele consegue seu primeiro emprego como cobrador de ônibus numa empresa de transporte urbano a partir da indicação de seu tio, um funcionário municipal.

Mesmo já inserido no mercado de trabalho formal as expectativas de Paulo em relação ao curso técnico na área de hotelaria não eram muito distintas daquelas mencionadas por Olívia: “*Facilidade na busca por um emprego*”, “*trabalhar numa área que fosse melhor*”, “*diminuição de carga horária*”, “*um salário melhor*”, “*um ambiente de trabalho legal*”. Em verdade, Paulo buscava formas de deixar seu emprego de cobrador de ônibus, um emprego em que ele nunca havia se imaginado “*e nem queria*”, mas ao qual acabou se “*acostumando pra não estar parado*”, afinal, segundo o próprio Paulo, “*não é uma função que traga destaque, não é grande coisa*”. Apesar das dificuldades em conciliar o trabalho como cobrador com as aulas do Curso Técnico em Serviços Hoteleiros os planos de Paulo não se concretizaram e ele acaba por desistir simbolicamente do curso mesmo antes de concluí-lo:

Continuei por não querer desistir, abandonar no meio, começar uma coisa e não terminar; e queria concluir mesmo. Eu achava que era uma coisa e na verdade era outra; eu achava que ia ser bem mais fácil de arrumar emprego, mas o curso, turismo aqui [no Estado] ele é bem fraco, ele não tem um campo muito amplo; aí pra mudar e não ter uma grande vantagem, eu preferi não mudar, porque eu fiz estágio, eu fui sondado, o responsável pela recepção; ele fez uma sondagem ‘se você não tivesse trabalhando poderia te indicar pra ficar aqui, nesse emprego’, mas não, não demonstrei interesse, e como o estabelecimento é pequeno, aí um quer falar do outro, eu não achei legal o ambiente. Eu resolvi ficar na Progresso também o salário não atraía. (Paulo)

Paulo permanece trabalhando como cobrador, emprego que exigiu dele o ensino médio completo e onde ele observa que sabe mais, “*muito mais do que precisa para ser cobrador*”. Ainda assim, o jovem técnico em serviços hoteleiros considera que a formação técnica contribuiu para que se tornasse um cobrador melhor preparado:

O curso é bem interessante, ele faz com que a pessoa fique melhor, saiba mais entender o público, ter paciência, tratar bem o público, o cliente que você tá prestando serviço; eu sei como é o certo; eu faço errado se eu quiser, é um curso muito bom, eu gostei. (Paulo)

Vale observar que a situação funcional de Paulo na empresa de transporte em nada foi alterada pelo fato de ter conquistado uma formação técnica, ainda que tal formação tenha ampliado sua “competência” para lidar com o público, dimensão central no trabalho de um cobrador de ônibus, atividade que envolve um grau crescente de risco (acidentes, assaltos, violência, etc.).

Apesar de todas as transformações aos jovens é inculcada a representação do sistema de ensino como garantia da igualdade de oportunidades, porém os capitais herdados são distintos, assim nem sempre a uma igualdade de oportunidades corresponderá uma igualdade de resultados. Guardadas as devidas proporções poderíamos examinar as trajetórias de Paulo e Olívia sob essa perspectiva: oriundos de famílias de baixa renda, pais com escolaridade entre fundamental completo e incompleto que sempre os incentivaram e apoiaram na busca por níveis mais elevados de escolaridade, ambos egressos da escola pública e técnicos de nível médio com certificação expedida por um centro federal de educação tecnológica, esses poderiam ser aspectos que aproximam esses dois jovens técnicos, a princípio, expostos a oportunidades muito semelhantes.

Considerações Finais

As reflexões aqui feitas concentraram-se sobre algumas das principais transformações no mundo do trabalho e seus reflexos particularmente entre os jovens.

Pluralidade e desigualdades são elementos que afloram nas pesquisas recentes sobre a juventude(s) brasileira. Investigação recente indica aspectos importantes tal como a não correlação entre estudo e trabalho: 61,3% dizem não haver correspondência entre atividades desempenhadas e o que estudam ou já estudaram, enquanto 38,4% dos jovens afirmam não receberem os benefícios sociais previstos por lei - bem como no que diz respeito a políticas eficazes de emprego e renda, pois quase metade dos jovens brasileiros busca trabalho (46,9%), representando 22.433.951 indivíduos. (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

Entretanto, o nível de escolaridade é o item mais importante para obtenção de um emprego e o fato de não terem estudado o suficiente é um dos principais motivos para explicar porque os jovens estão sem emprego. “Ter estudo” é indispensável e aí reside parte da importância atribuída à escola e a educação, a educação profissional (ABRAMO;

BRANCO, 2005). As palavras de Olívia apontam nessa direção: uma valorização da educação e do trabalho como possibilidade de futuro.

Eu acho que sem trabalho você não consegue crescer, você não consegue desenvolver as coisas que você tem, os talentos que você tem, os dons que você tem, você não consegue desenvolver de forma nenhuma. É necessário trabalhar, independência, uma independência para você acreditar em você mesmo, tem que gostar do que você faz pra você ser um bom profissional, e se você não tiver um trabalho, não tiver estudo você vai fazer o que, completamente vazio, tem que pensar emprego, curso que agente fez, trabalho depende de tudo isso, se você não tiver essa vontade inteira de crescer e ter uma meta na vida você não é nada; você não vai ter sonhos, você não vai viver, pra mim é isso (Olívia).

É nesse contexto que a profecia ideológica da incapacidade da escola, e mesmo da escola profissionalizante, preparar os jovens para o mercado de trabalho se articula com a eliminação de postos de trabalho, gerando um cenário em que insegurança e incerteza tornam cada vez mais difícil “seguir uma carreira”, mas os jovens sergipanos e de outros rincões esperam e desejam ter uma profissão, ter orgulho de si mesmo, mudar suas vidas. Os desafios contemporâneos estão postos, aos governos e a sociedade, quando o debate ilumina a questão das interseções entre juventude, trabalho e educação no Brasil.

Referências

- ABRAMO, H.; BRANCO, Pedro Paulo (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo, Instituto da Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M.G. *Juventude, Juventudes: o que une e o que separa*. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em 15 mar. 2008.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editores, 2001.
- BECK, U. *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós, 1992.
- CASTEL, R. As armadilhas da exclusão. In: CASTEL, R, WANDERLEY, L.W, WANDERLEY, M. *A desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 1997.
- DUBAR, C. Réflexions sociologiques sur la notion d’insertion. In: CHARLOT, B. e GLASMAN, D. (dir.). *Les jeunes, l’insertion, l’emploi*. Collection Essai&Recherches. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- GLASMAN, D. (dir.). *Les jeunes, l’insertion, l’emploi*. Collection Essai&Recherches. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

LASSANCE, M. C. P. *A orientação profissional e a globalização da economia*. São Paulo: Cortez, 2005.

LEHER, R. *Da ideologia do desenvolvimento à ideologia da globalização: a educação como estratégia do Banco Mundial para “alívio da pobreza”*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo/USP, 1998.

LICHTENBERG, Y. Entreront-ils dans la carrière ? In MONTELH, B. (org.). *C'est quoi le travail? Quelles valeurs transmettre à nos enfants?* Paris: Autrement. Collection Mutations, n° 174, 1997.

MARTINS, H. H. T. A difícil transição: análise das trajetórias ocupacionais de jovens operários metalúrgicos. In DOWBOR, L. (org.). *Desafios do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2004.

PAIS, J. M. Emprego juvenil e mudança social: velhas teses, novos modos de vida. *Análise Social*. vol xxvi (114), 1991 (5.º).

PAIS, J. M. *Ganchos Tachos e Biscates*. 2. edição, Porto: Ámbar, 2005.

POCHMANN, M. Raízes da grave crise do emprego no Brasil. In: GOMES, A. (org.). *O trabalho no século XXI: considerações para o futuro do trabalho*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

SACCO-ZAGAROLI, C. La motivation en panne. In MONTELH, B. (org.). *C'est quoi le travail? Quelles valeurs transmettre à nos enfants?*. Paris: Autrement. Collection Mutations, n° 174, 1997.

SPÓSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 5, n. 1- 2, p. 161–178, 1994.

TREVISAN, L. Jovens, mentiras e desemprego: algumas incertezas sobre oferta educacional como receita de felicidade. In L. Dowbor (org.) *Desafios do trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2004.

VAN ZANTEN, A. Saber global, saberes locais. Evoluções recentes da sociologia da educação na França e na Inglaterra. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro/Campinas: ANPED/Autores Associados, p. 48-58, n.12, set/dez, 1999.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percurso de estudantes universitários de camadas populares. In: *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro/Campinas: ANPED/Autores Associados, v.11, p. 226-237, n. 32, mai/ago, 2006.

ⁱ Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Paris 8. Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe (Departamento de Educação). Professora orientadora do Núcleo de Pós-Graduação em Educação (NPGED) e do Núcleo de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (NPGECIMA). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação e Contemporaneidade (EDUCON).

ⁱⁱ Dados do Censo do IBGE veiculados em fevereiro de 2003 registravam que a taxa de desocupação na faixa entre 15 e 24 anos passou de 12,4% em 1992 para 18,1% em 2001 o que equivale a afirmar que 3.679.546 jovens brasileiros nessa faixa etária estavam desempregados. Em nenhuma outra faixa de idade os índices de desemprego são tão elevados. (TREVISAN, 2004).

ⁱⁱⁱ Ambos concluíram os cursos em final de 2006. As entrevistas foram realizadas em final de 2007. Os nomes utilizados são fictícios e as idades indicadas correspondem à idade dos jovens no momento da entrevista.

^{iv} Mais especificamente a unidade localizada em Aracaju (Se).